

# Os meninos milionários na sala da aula

**N**A sala da aula, que tem quatro paredes brancas — oh! o horror dos quatro muros que nos fecham e onde há moscas que lembram manchas de tinta sobre papel, moscas que parecem coladas, vivas, e, afinal, estão já mortas — encontram-se sentados os meninos cábulas, de rosto imóvel, em frente dos livros abertos.

Em uma das paredes há um varandim de madeira, que é o *génio* da escola e que tem uma ante-câmara misteriosa, ressonante, para onde fogem, à hora das lições, as sílabas das vogais e das consoantes, dos nomes das terras e dos reis, dos números fraccionados, que os meninos abstractos pronunciam monotonamente e, depois, esquecem.

Há borrões de tinta violeta, que lembram moscas adormecidas sobre a brancura das paredes, nos cadernos de exercícios e nas folhas dos livros, que estão abertos.

Os meninos têm o busto aprumado e olham para os livros da sabedoria, tentando estudar as regras da gramática e os verbos.

Ao lado do mestre estão os mapas dependurados nas paredes brancas, afflictivas: e nos mapas há serras, caminhos de ferro, cidades e vilas à beira dos rios.

Sucede, às vezes, que aos meninos é difícil distinguir o sinal piqueno, redondo e preto, que indica uma povoação, do sinal preto, redondo e piquenino também do dejecto das moscas — das moscas mortas que parecem dormir coladas às quatro paredes envelhecidas e perturbadoras.

De vez em quando, deixam de olhar as sílabas negras, fecham os olhos fatigados e parece-lhes *ver* os quatro muros aproximarem-se e a sala da aula ficar do tamanho duma gaveta que asfixia... Abrem, então, os braços contra as paredes e as paredes ruem...

Depois, *vêem* tudo escuro... os muros continuam a cair, duas, três vezes, até abrirem novamente os olhos.

Lá fora, há árvores e há ruas cheias de homens e automóveis que podem atropelar os homens. Pó-pó-pó óóó!... O mestre olha para os meninos com uns óculos verdes e está convencido de que eles estudam.

— Todos trazem a cara lavada — pensa o mestre.

Os meninos iam ouvir o professor que usava óculos e tinha uma cara de coruja e de papagaio e era preciso lavar a cara para não apanhar palmatoadas.

— Presente!  
— Gerúndio!

— Mais que perfeito composto!

A cara lavada só servia para apanhar bofetadas! ninguém sabia os verbos da lição!

A seguir, é a lição de geografia. O mestre fala da riqueza das províncias e das cidades de Portugal, os meninos são cábulas e não sabem o que é uma província nem uma cidade.

Quanto à riqueza imaginam grandes palácios cheios de jóias, montras de ourivesarias — relógios d'ouro, pulseiras, brilhantes pertencentes talvez a um rei ou a uma fada.

Serve para comprar automóveis e para comer bifes. Que bom os bifes!

« A economia é a base da riqueza » diz o mestre. Os alunos não compreendem.

Que bom ter um automóvel e comer bifes!

— Digam — troveja o professor: a economia é a base da riqueza!

— Riqueza, riqueza, grande parvo!

Os meninos são a cera onde se grava a sabedoria.

São discos, sim, mas na rua, na rua que tem sol, onde correm os automóveis, eles são *outros*, o disco começa a cantar espantosamente uma canção livre, sempre diferente, que não foi gravada na escola, que tem quatro muros brancos e um professor velho d'óculos verdes.

De manhã, depois do café, — os meninos adormecem com desejos de acordar depressa para tomar o café muito doce — agarraram as sacolas e puseram-nas às costas — grande fardo! — e as sacolas, que são de algodão, têm todas um preceito de moral escrito a tinta vermelha: *segue sempre pelo bom caminho!*

Atravessaram as ruas cheias de homens e de carruagens, com aquelas sílabas vermelhas, nas costas, que gritam a toda a gente:

*segue sempre pelo bom caminho!*

Quando chegaram à escola deixaram as canções que não se gravam, à porta, e a alma, mãe das canções livres, ficou cinco horas à espera que os meninos dissessem as sílabas que se juntam e formam frases, nomes de cidades e preceitos rigorosos, à espera, na rua, como as amas amantes cujos braços têm desejos e saudades dos corpos dos meninos que amamentam.

Oh! como é triste deixar a alma à porta, não poder levá-la para dentro dos quatro muros brancos, afflictivos,

onde há mapas com terras e guerreiros e um professor com óculos! Ter uma alma aberta, como a flor — alegria do mundo! — uma alma que é uma boca a beijar pela boca, pelos olhos, pelo corpo novo, a luz da manhã sonora e sempre nova!

Quando entraram na aula os meninos levavam uma cara diferente que ficou imóvel a fitar os livros.

Os meninos têm o maior, o maior desprezo pela gramática e pela geografia e por isso nunca sabem as lições, ignoram as sílabas que formam as lições.

O mestre, então, levanta-se da carteira e vai puxar as orelhas sanguíneas e frescas dos alunos e manda-os copiar dez vezes as sílabas que formam as lições. O puxão de orelhas mostra ao cábula um outro mundo, diferente daquele em que costuma viver.

— Uiuuui!... Tem a sensação de que a escola anda à roda e vai cair; parece-lhe que os guerreiros saem das telas e avançam para ele agitando as lanças; que do varandim surgem fantasmas (que se esconderam lá para castigar os mandriões); vê romper do mapa de geografia uma máquina negra arrastando milhares de vagões que vão passar sobre ele, esmagá-lo. A máquina avança de frente como num primeiro plano cinematográfico e vai esmagá-lo!

— Uiuuui!... E que grandes lanternas que tem! São óculos ou lanternas?

Depois, a visão monstruosa acaba.

Uns, os mais velhos, porque os mais piqueninos têm medo, olham para a orelha vermelha e não podem deixar de rir; começam a rir gargalhadas vivas, sílabas vivas — os mais velhos!

Oh! o ridículo das orelhas vermelhas!

Se fossem eles não era ridículo nem tinha graça nenhuma ficarem com as orelhas vermelhas! E o cábula sente, agora, a vergonha de ficar com as orelhas vermelhas. Não quer deixar transparecer essa vergonha — só aparece a cor vermelha da vergonha que se derrama por todo o rosto! Por fim, chora por causa da gargalhada dos outros.

— Garotos! Indisciplinados! — diz o mestre.

— Silêncio!

Com o giz que roubaram do quadro os meninos fazem bonecos — oitos com pernas e braços que parecem formigas; com a caneta lançam borrões nos livros, nos cadernos ou fazem bigodes, suíças e barbas nos reis e nas rainhas de Portugal. Os meninos amam o desenho porque ao desenhar são livres e re-criam o seu mundo. Oh! o mundo que ficou à porta!

O rio onde tomam banho, onde passam as tardes a nadar nus, com medo da polícia; os navios parados à tona da água, onde desejavam viajar. (Na escola há um menino que todos admiram e que um dia, depois do pai o ter espancado com uma correia, foi pedir a um capitão que o levasse para a Inglaterra).

As árvores onde sobem para roubar os ouriços das castanhas e as nêspas, com medo dos jardineiros. E' tão bom ter medo — e nadar e roubar!

Pela janela da aula vêem-se o rio, os navios e as árvores; e os meninos enlevados vão desenhando nas lousas: cães, exércitos, casas, automóveis, navios a ir ao fundo — pôpa ao alto, um bocadinho de mastro com bandeiras à tona das linhas onduladas.

O menino que quis ir para a Inglaterra tenta desenhar o professor. Trabalha como um pintor compenetrado da sua missão: põe a língua de fora, cospe e safa ou olha dum lado e doutro, mas o companheiro do lado diz que não se parece. Que falta? Ah! os óculos. Desenha os óculos e a figura fica semelhante.

— História!

— Silêncio!

Todos os alunos se levantam e caminham para a carteira do professor, que parece não ter pernas, nem braços. Só vêem o busto, os ante-braços e a cabeça com uns óculos verdes, cheia de regras de gramática e histórias de guerras.

Tremem, olham para o sobrado, não sabem as histórias das guerras. As guerras! Só sabem o nome dos navios que possuem uma peça atrás — só os ingleses é que têm

uma peça — por causa dos submarinos. Só conhecem uma guerra: na batalha de Verdun os alemães perderam duzentos mil homens e os canos das espingardas chegaram a ficar em braza como se alguém os tivesse metido numa forja. Tanto fogo! Tanto morto — e se eles lá estivessem? E se os pais fossem para lá?

Um deles reza com a mãe todas as noites, dez padrenossos para o pai não ir para a guerra.

Quando ouvem a voz dos jornalheiros gritar pelas ruas

— A' última hora! A' última hora!

ficam deslumbrados, um terror vago de angústia oprime-os — quem sabe se eles vão invadir Portugal! — e têm aquela mesma sensação que as sirenes dos bombeiros provocam ao atravessar a cidade cheia de noite de silêncio.

Ao sair da escola, os meninos fazem algumas vezes a guerra. Têm terçados de pau e capacetes de papelão cobertos com papel setinoso, verde, vermelho e dourado. Os mais velhos são cabos, sargentos ou comandantes, os mais novos galúchos, só galúchos. Que pena não poder ser capitão! E têm também enfermeiras e mulheres, que andam em outra escola. Cada um tem a sua esposa e às vezes beijam-se e abraçam-se, quando vão para as trincheiras.

Os meninos não sabem nada das guerras antigas. Estão à volta do mestre e não respondem.

— Então, quais foram as cidades que D. Afonso Henriques conquistou aos mouros?

Os meninos à volta da cátedra fazem lembrar os pontos negros das horas no mostrador dos relógios e os olhares do mestre, como ponteiros luminosos, vão designando um a um o interrogado, que não vê esses olhares fitos em si mas adivinha-os, sente-os.

Se os alemães invadissem Portugal! Mas os alemães não chegam, nem os submarinos sobem o rio porque há uma rede de ferro à entrada da barra.

E se a escola caísse, bombardeada por um aeroplano? E se fugissem?

De repente, começa tudo, outra vez, a andar à roda. Avançam os guerreiros e a locomotiva! A cabeça do mestre, como lua a fluctuar entre nuvens, anda, anda, anda!... As letras dos livros abertos, nas mãos, em frente dos olhos, dansam, parecem milhares de pardais em revoadas! As orelhas ficam novamente quentes e vermelhas.

— Adeante! Duas palmatoadas!

Sobre a cabeça dos meninos paira o génio da escola. O varandim está cheio de sílabas ressonantes, de diabos que castigam os cábulas. A's vezes, quando não respondem, saem de lá braços enormes e invisíveis, apenas sensíveis, para os arrebatam. Não sabem verdadeiramente o que é que o varandim esconde na ante-câmara: está habitado de medos e inimigos implacáveis. Os meninos são muito piqueninos e não vêem, mesmo de cima das carteiras. Que há? perguntam uns aos outros, a imaginação trabalha, contam histórias onde há figuras que não sabem representar por formas, mas vão ficando incrédulos porque ninguém, nem o professor nem os pais, lhe respondem.

— E' um varandim! dizem os pais e o professor.

Fantasmas e diabos — os meninos têm a imaginação, como o varandim, cheia de medos.

— Um gato! Um gato! O varandim vai dizer o seu segredo!

— Que será?

Mas, é um gato!

Os meninos, perto uns dos outros e do mestre, estão calmos. Não é nada do outro mundo! E' um gato, que faz, apenas, suspender a respiração!

O gato passeia, por cima do varandim de madeira, assustado. Assustado e o mestre nem sequer olhou ainda para ele!

Oh! Oh! Oh! Que engraçado! E o professor sem ver! O gato olha cá para baixo, passeia, medindo a altura. Vai cair? Vai saltar?

Uma onda de pérfida alegria banha a alma dos meninos. Se mia! O gato passeia, ficando bem as unhas na madeira, como um equilibrista caminhando sobre arame na pista dum circo.

Oh! Oh! Oh! Se o gato mia!

Se o gato mia! Oh! Oh! Oh!

RODRIGUES DE FREITAS